



## AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

**SCHELLIN, Fabiane de Oliveira<sup>1</sup>; OLIVEIRA, Francisco de Assis Furtado de**<sup>2</sup>; **VERONEZ, Luiz Fernando Camargo**<sup>3</sup>

1,2,3 – Departamento de Ginástica e Saúde – ESEF/UFPeI  
Campus Universitário – Caixa Postal 354 – CEP 96010-900. (lfcveronez@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Desde o nascimento, meninas e meninos são tratados de forma a adquirirem comportamentos e emoções adequados e aprovados socialmente ao seu sexo. Diferenças fisiológicas também contribuem para definir parte desses comportamentos. Segundo o pedagogo Talber (2008, p. 2), os gêneros são diferentes fisiologicamente, o cérebro masculino trabalha especialmente o lado direito, dando maior importância ao movimento, a compreensão dos espaços físicos e dimensionamentos, enquanto a mulher desenvolve o lado esquerdo e direito ao mesmo tempo, enfatizando mais os sentimentos, as emoções, o dom da expressão e comunicação, a fala, a observação, a organização e o zelo pelas coisas.

No entanto, Louro (1995 apud GONÇALVES, 2005, p. 2), ressalta que:

(...) as desigualdades entre os sexos vão além dos aspectos físicos e fisiológicos, elas estão imersas numa rede de práticas discursivas que constituem homens e mulheres em sujeitos masculinos e femininos muito mais complexos do que as diferenças fisiológicas supõem.

Levando em consideração a construção da história referente às práticas da cultura corporal de movimento, pode-se entender melhor a situação e avaliar, ainda hoje, os comportamentos e reações das crianças como heranças de questões histórico-culturais não superadas. A mulher, por exemplo, foi proibida durante muito tempo de, entre outras coisas, praticar esportes considerados incompatíveis com sua natureza, ou seja, esportes como o futebol, rugby e pólo, por se constituírem violentos e não admissíveis ao sexo feminino. Este, entre outros aspectos, influencia ainda hoje a construção corporal de meninos e meninas. Pereira (2005, p. 206) já supunha que para meninos são destinados gestos e movimentos mais fortes, viris e enérgicos, enquanto que das meninas espera-se leveza, graciosidade, delicadeza e beleza. Essa hipótese pode, de acordo com a situação, desencadear certas “vantagens” do gênero masculino sobre o feminino na sociedade, inclusive na escola visto que, historicamente, a mulher não parece ter construído uma corporeidade muito ativa.

Outro fator importante de se avaliar é a realidade escolar, pois em seu cotidiano, inúmeras atitudes acabam favorecendo os agrupamentos por gênero, situações que favorecem a separação e demarcação social, e o que é pertencente ao universo feminino ou masculino. Dentre muitas situações, destacam-se as normas para da formação de grupos e filas, recompensas dadas pelo “bom

comportamento” às meninas que, normalmente são rotuladas como mais calmas e, especialmente, as divisões no âmbito da educação física, fatores esses que se constituem fortes intensificadores desses agrupamentos.

Mesmo no recreio, considerado um espaço de liberdade para a interação entre os gêneros, a influência das desigualdades e separações muitas vezes pode ser percebida. Observando especialmente as crianças durante esse momento dito “livre”, podem-se perceber nitidamente as relações de interação social entre meninos e meninas. De maneira geral, o que se nota são os meninos brincando com outros meninos e trabalhando atividades mais dinâmicas e vigorosas como futebol, pega-pega e lutas. Eles se organizam por grandes espaços e em grandes grupos, envolvendo indivíduos de várias turmas. Já meninas normalmente organizam-se pelos arredores da escola, dando maior importância a atividades mais passivas como conversar, merendar e passear pelo pátio e, ao contrário dos primeiros, andam em grupos mais seletos, especialmente duplas ou trios.

Também nas aulas de educação física, obstáculos à prática conjunta se fazem presentes. Mesmo em turmas onde a educação física é caracterizada por aulas mistas, o que mais comumente acontece é a divisão da turma em dois grupos: os meninos que geralmente pedem pelo futebol e as meninas que optam por atividades como o vôlei ou a ginástica. Vários são os motivos para que isso ocorra, entre eles destacam-se as diferenças com relação ao desempenho esportivo das meninas, especialmente no futebol. Ana Cardoso (2003, p. 17) em seu estudo, já levantava essas questões. Segundo ela os meninos não gostam de jogar com as meninas alegando que elas “... tornam o ritmo das aulas mais lento”, enquanto que essas se queixam dos mesmos, “... salientando que somente eles sabem jogar e, por isso, não passam a bola”.

Este tipo de situação, entre outras, deve-se principalmente, ao fato da educação física, através do esporte que ocupa lugar de destaque entre as manifestações da cultura de movimento na escola, estar pautada nos princípios de desempenho e comparações objetivas, isto é, características que fortalecem as desigualdades, já que meninas, principalmente, por possuírem limitações à prática, acabam desenvolvendo de forma muito precária as habilidades referentes a determinados esportes.

## **2. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA**

Dessa forma, o principal objetivo desse estudo é o de analisar como as relações de gênero vêm se construindo dentro das escolas, especificamente nas aulas de educação física, visto que a distinção por gênero da prática entre os alunos, interfere diretamente na construção da cultura corporal de movimento desses, fazendo com que as desigualdades tornem-se ainda mais evidentes. Baseado no levantamento dessas relações objetiva-se ainda questionar e levantar possíveis alternativas para a modificação e melhora da construção social das mesmas.

Num mundo em que o combate as desigualdades assume um caráter político, a pesquisa justifica-se pela necessidade de alternativas que possibilitem, a ambos os sexos, oportunidades iguais para seu desenvolvimento, não somente motor, mas especialmente social e afetivo. Partindo do pressuposto de que a interação dos gêneros possibilitaria o desenvolvimento de ações mútuas de respeito, aceitação e valorização do “ser” masculino e “ser” feminino, almeja-se, a partir desse trabalho, traçar alternativas que permitam um conhecimento mais íntimo das especificidades

de ambos os gêneros, permitindo, num futuro próximo, possibilidades de convivência mais aceitável, tranqüila e prática entre o masculino e o feminino na sociedade, na escola e, especialmente, nas aulas de educação física.

### 3. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso relacionando duas escolas públicas, uma com turmas mistas de educação física e outra com turmas divididas por gênero. Para a coleta de dados lançou-se mão de recursos como a observação de aulas, aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas, entrevista com alunos e professores de educação física, filmagens e fotografias de atividades desenvolvidas no cotidiano da escola.

A amostra escolhida trata-se de alunos da 5ª e 6ª séries, partindo do entendimento de que nesse período as relações de conflito entre os sexos acentuam-se devido o afloramento da sexualidade e suas projeções na construção e processo de legitimação do “ser” feminino e masculino.

Para o tratamento dos dados utilizou-se procedimentos propostos pelo método de análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

### 4. RESULTADOS

Os resultados obtidos até o momento são parciais, pois o estudo ainda está em andamento. Nas escolas em que o estudo está sendo desenvolvido, observaram-se comportamentos padronizados por gênero em diversos momentos. No recreio, por exemplo, grupos de meninos rapidamente organizam-se para praticar jogos, em especial o futebol. Por outro lado, meninas acomodam-se em determinados espaços da escola, longe dos meninos, geralmente em alguns “cantos” que garantem alguma privacidade para conversarem ou observarem os acontecimentos ao redor.

### 5. CONCLUSÃO

Este trabalho traz contribuições à prática pedagógica da educação física escolar, no que diz respeito à desconstrução de valores que reforçam atitudes discriminatórias por gênero.

O confronto da realidade escolar com o aporte teórico utilizado possibilita o entendimento de como as relações entre os gêneros se estabelecem nesse meio social e de como a sociedade, em especial os professores contribuem nesse processo de distinção e segregação do universo feminino e masculino.

### 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.
- CARDOSO, Ana L. (2003) **O futebol da escola: Uma proposta co-educativa sob a ótica da pedagogia crítico-emancipatória**. Dissertação de mestrado em Educação Física, Santa Catarina; Centro de Desporto da UFSC, 2003, 124p.

GONÇALVES, Vinícius P. (2005) ***A quadra e os cantos: arquitetura de gênero nas práticas corporais escolares.*** Disponível em <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 87 - A gosto de 2005.

PEREIRA, Sissi M. (2005) ***Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos.*** Revista Motriz, Rio Claro, v.11 n.3, p.205-210, set./dez. 2005.

• TALBER, Jon (2008) ***Meninos e Meninas.*** Disponível em [http://sitedicas.uol.com.br/art\\_meninos\\_e\\_meninas.htm](http://sitedicas.uol.com.br/art_meninos_e_meninas.htm). Acessado em 20/07/2008.